

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO  
CJE0641 – Teorias e Práticas da Leitura  
1º semestre de 2020  
Prof. Dr. Thiago Mio Salla  
Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/2020

Aluna(o) \_\_\_\_\_

## Plantão de dúvidas 2020

CONSIDERE OS DOIS POEMAS QUE SEGUEM ABAIXO PARA RESPONDER AS PRÓXIMAS DUAS QUESTÕES.

### Satélite

Fim de tarde.  
No céu plúmbeo  
A lua baça<sup>1</sup>  
Paira  
Muito cosmograficamente  
Satélite.

Desmetaforizada,  
Desmitificada,  
Despojada do velho segredo de melancolia,  
Não é agora o golfão<sup>2</sup> de cismas,  
O astro dos loucos e dos enamorados,  
Mas tão somente  
Satélite.

Ah Lua deste fim de tarde,  
Demissionária de atribuições românticas,  
Sem show para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia<sup>3</sup>,  
gosto de ti, assim:  
Coisa em si<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> A que falta brilho; bacento, embaciado.

<sup>2</sup> Reentrância marítima de grande porte, maior do que a baía.

<sup>3</sup> Na teoria marxista, lucro, retido pelo capitalista, resultante da diferença entre o que ele paga pela mão de obra e o valor que ele cobra pela mercadoria produzida por essa força de trabalho; fração do trabalho não paga.

<sup>4</sup> Expressão de origem kantiana, em princípio, a coisa em si é algo que existe por si próprio, independentemente do sujeito perceber sua existência, tornando-o um objeto.

– Satélite.

BANDEIRA, Manuel. “Satélite”. In: *Estrela da Tarde*. São Paulo: Global, 1960, p. 23.

### Plenilúnio<sup>5</sup>

Além nos ares, tremulamente,  
Que visão branca das nuvens sai!  
Luz entre as franças<sup>6</sup>, fria e silente;  
Assim nos ares, tremulamente,  
Balão aceso subindo vai...

Há tantos olhos nela arroubados,  
No magnetismo do seu fulgor!  
Lua dos tristes e enamorados,  
Golfão de cismas fascinador!

Astro dos loucos, sol da demência,  
Vaga, noctâmbula aparição!  
Quantos, bebendo-te a refulgência,  
Quantos por isso, sol de demência,  
Lua dos loucos, loucos estão!

Quantos à noite, de alva sereia  
O falaz canto na febre a ouvir,  
No argênteo fluxo da lua cheia,  
Alucinados se deixam ir...

[...]

Ah! quantas vezes, absorto nela,  
Por horas mortas postar-me vim  
Cogitabundo, triste, à janela,  
Tardas vigílias passando assim!

[...]

CORREIA, Raimundo. “Plenilúnio”. In: *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.

1. A partir dos poemas “Satélite”, de Manuel Bandeira e “Plenilúnio”, de Raimundo Correia, faça a análise sêmica do lexema “lua”.

---

<sup>5</sup> Lua cheia.

<sup>6</sup> Ramo superior ou copa de árvore.

**1.1.** Em seguida, explique o trabalho de especificação semântica empreendido por Bandeira, correlacionando tal atividade com termo “desconstelização”<sup>7</sup>, vocábulo criado por Haroldo de Campos para se referir à poética de Bandeira enquanto um meio de nos libertar do automatismo perceptivo.

**2.** No poema “Satélite”, destaque como se dá a estruturação das categorias de pessoa, tempo e espaço a partir do discurso do eu-lírico construído por Manuel Bandeira. Além disso, levando-se em conta as estratégias mobilizadas pelo poeta para instaurar tais elementos, destaque os efeitos de sentido pretendidos pelo autor.

---

<sup>7</sup> “Desautomatização” ou “efeito de estranhamento”.